

As distopias das atividades educativas em sala de aula entre o real e o virtual¹

Dystopias of classrooms' educational activities between the real and the virtual

DOI:10.18226/21784612.v30.e025018

Às vezes, estou caminhando pela instituição e encontro, por acaso, alguns alunos do curso EaD que me reconhecem da aula gravada em vídeo na plataforma digital. Os alunos vêm perto de mim e dizem: “Professora, eu vi você no vídeo”.

– *Docente de curso de educação a distância.*

Rogério Rodrigues²

Resumo: Este ensaio é um recorte da pesquisa intitulada “As narrativas dos professores sobre os métodos de ensino e as tramas da crise na educação”, que tem como objetivo analisar a desconstrução do espaço clássico da sala de aula em decorrência do uso inadequado das tecnologias de ensino em rede, que ocorrem na utilização alienante das plataformas digitais. Partimos da hipótese de que as relações educativas a distância (EaD) definem uma nova função dos sujeitos (professor e aluno) em sala de aula nos processos de ensino e aprendizagem. Na EaD, a incorporação das atividades educativas, realizada em conectividade em rede, pode estabelecer outras formas de comunicação entre os sujeitos, promovidas pela internet, que se contrapõem ao estar junto com o outro. Isso é algo que se apresenta em termos de distopia, pois ocorre uma perda do sentido educativo na ausência de conexão com os outros próximos em sala de aula e uma intensa busca para se conectar os outros distantes. No contexto atual, a sala de aula se encontra tensionada pelos ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs) que apresentam outros contornos nas relações entre os sujeitos no âmbito do processo educativo escolar. A metodologia de pesquisa utilizada caracteriza-se como ensaio teórico no campo da filosofia da educação, uma vez que busca conceituar a atividade

¹ Agradecimento aos alunos do curso de licenciatura da Universidade Federal de Itajubá (Unifei) por me permitirem realizar essa atividade de reflexão referente à cultura escolar. O texto é resultado do projeto de pesquisa intitulado “As narrativas dos professores sobre os métodos de ensino e as tramas da crise na educação” e, principalmente, das discussões em sala de aula.

² Mestre e doutor em Educação (Unicamp) e professor titular da Universidade Federal de Itajubá (Unifei). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3509356707584426>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2657-7302>. E-mail: rrunifei@hotmail.com.

educativa como encontro dos sujeitos com a cultura escolar. Concluímos que as atividades educativas que ocorrem em rede no AVA deveriam ser utilizadas criticamente como forma de complementação no apoio ao trabalho realizado em sala de aula. A dualidade da atividade educativa entre o real e o virtual pode apresentar diversos elementos contraditórios, que destituem a função do sujeito como intelectual em sala de aula, pois a informação destituída de análise crítica prevaleceria. Esse paradoxo que se estabelece entre o real e virtual em sala de aula, na realização da atividade educativa, constitui-se como ponto central de discussão para se compreender as diversas nuances no processo de formação do sujeito e a questão da qualidade na educação. No âmbito dos processos de ensino e aprendizagem, a qualidade na educação deveria ocorrer a partir de uma relação direta de encontro entre os sujeitos, na promoção de trocas de experiências, para se elaborar o conceito no campo da cultura escolar.

Palavras-chave: Atividade educativa. Sala de aula. Processo formativo. Emancipação. Qualidade na educação.

Abstract: This essay is an excerpt from the research entitled “teachers’ narratives about teaching methods and the intricacies of the crisis” aims to analyze the deconstruction of the classic classroom space, due to the inappropriate use of networked teaching technologies, that occur in the alienating use of digital platforms. We start from the hypothesis that Distance Education (DE) defines a new function for subjects (teachers and students) in the classrooms’ teaching and learning processes. In DE, the incorporation of educational activities carried out in network connectivity can establish other forms of communication between subjects, promoted by the internet, which contrast with being together with others. This is something that presents itself in terms of dystopia, as there is a loss of educational meaning in the absence of connection with nearby others in classrooms, and an intense search to connect with others who are distant. In the current context, the classroom is strained by Virtual Learning Environments (VLEs), that present other contours in the relationships between subjects within the scope of the school educational process. The research methodology is within a theoretical essay in the field of Education Philosophy, aiming to conceptualize educational activity as an encounter between subjects and the school culture. We conclude that educational activities that occur online in the Virtual Learning Environment (VLE) should be used critically as a way to complement and support the work done in classrooms. The duality of educational activity between the real and the virtual can present several contradictory elements that undermine the subject’s function as an intellectual in the classroom, since what prevails would be information devoid of critical analysis. This duality established between the real and the virtual in classrooms during educational activities constitutes the central point of discussion for understanding the various nuances in the

subject's formation process, and the issue of quality in education. This quality, within the scope of teaching and learning processes, should occur in a direct relationship of encounters between subjects in promotions of experiences' exchanges to elaborate the concept in the field of school culture.

Keywords: Educational activity. Classrooms. Formative process. Emancipation. Quality in education.

Introdução: a transformação da sala de aula como lugar de transmissão da cultura escolar

Este ensaio tem como objetivo analisar criticamente a desconstrução do espaço clássico da sala de aula como lugar do ensinar e aprender, em decorrência do uso das tecnologias digitais que ocorrem em rede. Principalmente no que se refere à utilização alienante das plataformas digitais, as quais estabelecem formas interativas que transformam as relações educativas no espaço escolar. Isso acontece quando o sujeito perde sua autonomia de decisão e se encontra subordinado à máquina de ensinar. No caso específico, seria a ocorrência de sujeitos que, em sala de aula, trabalham para as plataformas digitais, numa completa ausência de entendimento da atividade realizada.

Nesse sentido, partimos da hipótese de que as relações educativas a distância (EaD) definem novas funções dos sujeitos (professor e aluno) em sala de aula, nos processos de ensino e aprendizagem. Portanto, trata-se de compreender, para além do senso comum, o conjunto das alterações no espaço escolar, estabelecidas a partir do uso das plataformas digitais. Estas redefinem o conceito de sala de aula e, primordialmente, os diversos acontecimentos distópicos no âmbito dos processos formativos dos sujeitos.

Por qual motivo indicamos que ocorrem as transformações da sala de aula como elementos no campo da distopia? Diríamos que as transformações ocorrem a partir das interações que se estabelecem no ambiente virtual, que definem outros contornos nos processos de ensino e aprendizagem.

Em última instância, o que se apresenta no ambiente virtual de ensino seria uma relação educativa sem a presença do outro, pois se destitui o lugar do sujeito no processo de ensino e aprendizagem. Afirmaríamos, em poucas palavras, que o que prevalece hoje, em

sala de aula, é a existência de sujeitos presentes no paradoxo de estarem sem presença, como aqueles que de fato pouco ou quase nada se manifestam em interações com o outro e, principalmente, com o assunto em discussão.

O ponto central dessa distopia do estar presente sem presença seria que deixamos de aprender junto com o outro e passamos, supostamente, a nos informar ao nos relacionar com base em nossa relação com as máquinas de ensinar. Isso se apresenta como elemento de transformação radical da sala de aula ao indicarmos que o espaço virtual para a realização do trabalho educativo em rede na EaD destitui o lugar de estar do sujeito como intelectual, ou seja, aquele que pensa criticamente o mundo em que vive.

Há, no uso das tecnologias de ensino digitais, a presença de profunda transformação do conceito de espaço e tempo, em que o lugar e o momento do encontro para a realização da atividade educativa deixam de existir no mundo real e se reconstroem no mundo virtual. Diríamos que essa atividade educativa em rede em EaD é algo que

[...] remete a uma modalidade de ensino orientada pelo conceito de sala de aula ampliada, em que a associação do tempo e espaço ultrapassa as barreiras do espaço físico e do tempo determinado. Ou seja, associa-se EaD diretamente a uma modalidade de ensino que utiliza processos de mediação tecnológica para ultrapassar a distância física. Contudo, as potencialidades da EaD podem surpreender positivamente os envolvidos nos processos – alunos e professores –, se estes experimentam a mediação tecnológica das atividades de ensino-aprendizagem orientada por algumas estratégias pedagógicas que valorizam os sujeitos, a intersubjetividade, a aprendizagem colaborativa, favorecendo a formação de comunidades de aprendizagem em todos os níveis (Rangel, 2012, p. 546).

Desse modo, a incorporação das atividades educativas, realizada em conectividade em rede, estabelece outras formas de comunicação entre os sujeitos promovida pela internet. Em termos de distopia, isso condiz com o fato de ocorrer uma perda de conexão com os outros próximos em sala de aula e uma intensa busca para se conectar aos supostamente outros distantes. Portanto, trata-se de compreender o conjunto das alterações no espaço escolar que se estabelecem a partir do uso das plataformas digitais.

Essa perda de vínculo altera o campo das relações do ensinar e do aprender e a representação de sala de aula. No contexto atual, a sala de aula presencial se encontra tensionada pelos ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs), que apresentam outros contornos nas relações que se estabelecem entre os sujeitos no âmbito do processo educativo escolar. Diante desse fato que ocorre em sala de aula, surge a seguinte pergunta: por qual motivo não se estabelece uma relação de diálogo com outro próximo e se intensifica o diálogo com o suposto outro distante?

No momento atual, pode-se constatar o isolamento dos sujeitos numa simples e breve observação dos alunos no campo das interações estabelecidas em sala de aula. Eles se sentam em seus lugares e aguardam o início da aula manuseando o *smartphone*, em pleno silêncio. Ficam sem conversar com o colega ao lado, mas seus olhos fixos na tela do *smartphone* e os dedos digitando agilmente no teclado indicam que, supostamente, comunicam-se com o outro distante, numa outra dinâmica de relacionamento.

Figura 1: O lugar do sujeito não estar em sala de aula.



Fonte: Acervo do pesquisador.

A imagem acima ilustra, empiricamente, um dado singular que ocorre em sala de aula, mas de modo universal em diversas instituições de ensino que expõem uma constante ausência de relações entre os sujeitos. Cabe destacar que se trata do momento que antecede o início da aula, que poderia ser uma oportunidade

de encontro para realização de conversas, mas os sujeitos se apresentam isolados devido ao uso do *smartphone* e não interagem uns com os outros. Tudo indica que uma época de encontro com o outro se encerrou; dessa forma, o tempo de estar presente como acontecimento se transforma no paradoxo do encontro sem o outro. Deixou de existir o momento em que os sujeitos se encontravam em sala de aula para realizar a troca de palavras e, principalmente, de experiência de vida (Rodrigues, 2007).

Diria que o outro próximo se apresenta como problema, pois esse sujeito presente, mas sem a presença, impõe algumas dificuldades para o relacionamento, uma vez que se opõe à liberdade do sujeito como indivíduo. Sendo assim, somos o paradoxo de exercer a liberdade de não ter a liberdade no âmbito da coletividade, uma vez que:

[...] o homem é livre. Com efeito, somente pelo fato de ter consciência dos motivos que solicitam minha ação, tais motivos já constituem objetos transcendentais para minha consciência, já que estão fora, em vão buscaria recobrá-los: deles escapo por minha própria existência. Estou condenado a existir para sempre para-além de minha essência, para-além dos móveis e motivos de meu ato: estou condenado a ser livre. Significa que não poderia encontrar outros limites à minha liberdade além da própria liberdade, ou, se preferirmos, que não somos livres para deixar de ser livre. Na medida em que o Para-si quer esconder de si seu próprio nada e incorporar o Em-si como seu verdadeiro modo de ser, também tenta esconder de si sua liberdade (Sartre, 1998, p. 543-544).

O interesse no outro distante é algo que se assemelha aos elementos da nossa projeção identitária em que encontramos somente as virtudes. O outro distante não se opõe ao sujeito, uma vez que acessá-lo nas redes sociais é algo que se controla e, se for necessário, pode bloquear e, em último caso, deletar.

Torna-se importante analisarmos os efeitos que se estabelecem nessas novas dinâmicas de relacionamento dos sujeitos no campo educacional. O uso das plataformas digitais de ensino, centradas em atividades educativas em rede, constitui uma outra dinâmica que se estabelece na sala de aula virtual. Primordialmente, isso se apresenta como algo importante na expansão da educação a distância (EaD). A ampliação do EaD no sistema educacional brasileiro pode ser

comprovada pelo aumento do número de alunos matriculados no ensino superior, haja vista que:

Pela primeira vez, o número de matrículas no ensino superior à distância superou o das graduações presenciais no Brasil. Em 2024, 50,7% dos estudantes estavam matriculados em cursos de EaD. São 5,1 milhões de alunos a distância, contra 5 milhões no ensino presencial. O aumento foi de 5,6% em relação ao ano anterior (Madson, 2025, n.p.).

Esses espaços virtuais de ensino e aprendizagem estabelecem outras interatividades no trabalho educativo em rede que destituem o conceito clássico de sala de aula. Entretanto, o que seria o conceito clássico de sala de aula?

Basicamente, a sala de aula seria um espaço em que os sujeitos se encontram para realizarem a experiência educativa. A atividade realizada pode apresentar diversas outras tecnologias de ensino na completa ausência de máquinas, como a arquitetura da escola, o tamanho da sala de aula, a iluminação e a ventilação pelas janelas da sala, o uso da voz no espaço, a visibilidade dos corpos, enfim, um conjunto de elementos que estabelecem as relações presenciais dos sujeitos.

Compreendemos que esses acontecimentos, no espaço da sala de aula, constituem-se algo que se assemelha à obra de arte como realização única. Assim, a didática realizada em sala de aula também não torna possível reproduzir a atividade educativa, uma vez que:

À mais perfeita reprodução falta sempre algo: o *hic et nunc* da obra de arte, a unidade de sua presença no próprio local onde se encontra. É a esta presença, única no entanto, e só ela que se acha vinculada toda a sua história. [...] O *hic et nunc* do original constitui aquilo que se chama de sua autenticidade (Benjamin, 1974, p. 13).

O *hic et nunc* (Benjamin, 1974), cujo significado podemos remeter ao acontecimento que ocorre “aqui e agora”, portanto, trata de se referir diretamente aos elementos que se encontram presentes em seu momento de ação. O acontecimento em sala de aula, nos processos de ensino e aprendizagem, pode ser compreendido como algo único e que não se repete. Nessa condição, o funcionamento clássico da atividade educativa na sala de aula seria um espaço dedicado ao trabalho do ensinar e aprender, em que ocorre:

[...] (1) a operação de considerar cada um como “estudante” ou “aluno”, isto é, *suspendendo*, não destituindo, os laços de família e do Estado ou qualquer comunidade “fechada” ou definida; (2). a operação da suspensão, isto é, colocar *temporariamente* fora do efeito da ordem ou do uso habitual de coisas; (3) a operação de *criar* “tempo livre”, isto é, a materialização ou especialização do que os gregos chamavam de *skholé*: o tempo para o estudo e o exercício; (4) a operação de fazer (conhecimentos, práticas) públicas e colocar (a elas) sobre a mesa (o que também poderia ser chamado de profanação); (5) a operação de tornar “atento” ou de formar uma atenção que se apoie em um duplo “amor”, tanto pelo mundo como pela nova geração, em práticas disciplinadoras, para torar a atenção e renovação possíveis. A escola (como forma pedagógica) consiste, então, em uma associação de pessoas e coisas como modo de lidar com, prestar atenção a, cuidar de alguma coisa – obter e estar em sua companhia – na qual esse cuidado implica estruturalmente uma exposição. A escola nesse sentido, isto é, como forma pedagógica, não está orientada para nem domesticada por uma utopia política, nem ainda por uma ideia normativa de pessoa, mas é *em si mesma* a materialização de uma crença utópica: *cada um pode aprender tudo* (Simons; Masschelein, 2021, p. 21-22).

O conceito de acontecimento em sala de aula implica uma oposição direta ao que ocorre na utilização do EaD, nos processos de ensino e aprendizagem, que apresenta outras configurações da sala de aula. A interação do sujeito com o espaço que se denomina “virtual” destitui por completo o lugar de estar presente no espaço para a condição de distopia de estar no “não lugar” (Augé, 1994) e assim: “Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não lugar” (Augé, 1994, p. 73).

Na desconstrução do espaço de sala de aula, há outro elemento importante a destacar como forma de distopia: a possibilidade de destituir o tempo da ação comum a todos. Essa desconstrução do espaço da sala de aula se relaciona à perda do referencial do tempo presente da ação educativa. Diríamos que deixa de existir o tempo da hora-aula no momento da atividade educativa, no tempo presente, para a ação realizada em assincronia, cujo momento da ação não se sabe.

Portanto, no EaD, há a possibilidade da destituição do tempo presente, que pode deixar de existir. Por conseguinte, as ações armazenadas em arquivos de plataformas de ensino, com seus prazos de entrega definidos no cronograma de trabalho, prevalecem. Desse modo, destaca-se que a configuração da sala de aula, no ambiente virtual, estabelece a distopia de sujeitos que se relacionam nos processos de ensino e aprendizagem na condição do “não lugar” e sem o tempo presente do fazer da ação educativa.

As tecnologias de ensino constituem outros processos de subjetividade que invadem os espaços da sala de aula clássica, resultando no paradoxo do estar presente sem a presença no tempo de permanência junto com o outro. Aqueles que trabalham em sala de aula com os processos de ensino e aprendizagem podem constatar a existência da plena transformação da sala de aula como lugar de transmissão da cultura escolar.

A desconstrução do conceito clássico da sala de aula: o sujeito do processo educativo e o uso inadequado da tecnologia de ensino

Neste ensaio, torna-se fundamental analisar o uso inadequado das tecnologias de ensino na realização das atividades educativas em sala de aula como proposição de evitar o aprofundamento da crise na educação. Podemos observar que, quando se perde o sentido do processo educativo, ocorre a desconstrução do espaço de sala de aula como lugar do ensinar e aprender:

Dessa forma, a lição em sala de aula é o aspecto do funcionamento do ensinar e do aprender a partir da autoridade do professor, ou seja, aquele que diz algo sobre o mundo. Nesse viés, é possível afirmar que a falência do educar é resultado da destituição do papel da autoridade do professor no campo escolar, em que a lição deixa de existir como lugar do sujeito se implicar com o mundo. A perda de sentido da lição escolar em sala de aula passa a existir como mero mecanismo burocrático para atender uma demanda não desejante do saber (Rodrigues, 2023b, p. 43).

Essa desconstrução do espaço de sala de aula se inicia a partir da destituição do sujeito como intelectual (Rodrigues, 2023a), diante da possibilidade da aula gravada substituir e até mesmo destituir a presença do outro. O apagamento da presença do outro

se manifesta no comentário pontual da professora da instituição que mantém o curso de EaD ao afirmar como seus alunos se espantam com a presença dela quando se encontram presencialmente. Ela relata que:

Às vezes, estou caminhando pela instituição e encontro, por acaso, alguns alunos do curso EaD que me reconhecem da aula gravada em vídeo na plataforma digital. Os alunos vêm perto de mim e dizem: “Professora, eu vi você no vídeo”. – Docente de curso de Educação a Distância).

Compreendemos que esse espanto do sujeito ao encontrar o docente na realidade, ocorre em função do distanciamento entre os sujeitos, que produz efeitos que reduzem o ensinar e o aprender a esquemas informativos, pois se perde a dimensão do encontro do sujeito com o outro no espaço escolar, suprimindo, assim, a transmissão e a troca de experiências pessoais (Rodrigues, 2007).

Sabemos que ocorrem alterações no processo educativo, no que diz respeito ao uso da tecnologia de ensino em sala de aula, quando o outro se encontra distante. Portanto, cabe indicar quais seriam os elementos dessas transformações do espaço da sala de aula e que também afetam o campo das relações de ensino e aprendizagem.

No campo do senso comum, torna-se possível compreender que a vida em sociedade é o impossível que se realiza na contradição existente em querer estar junto e, simultaneamente, desejar ficar separado dos outros. Aqui, torna-se importante compreender a relação de ódio que se estabelece em estar junto com o outro na sala de aula, e esse pode ser o ponto central que motiva a ampliação do uso da EaD.

Diríamos que a condição do amor, que aproxima o sujeito, pode também se apresentar na mesma intensidade no reverso: o ódio em não querer a presença do outro. Nesse caso, a vida em sociedade oscila entre o oportuno desejo de querer estar juntos e no importuno desejo da separação, que pode se manifestar, respectivamente, no amor que cuida e no ódio que destrói e anula o outro.

Esse paradoxo coloca em questão como é impossível a vida em sociedade e, principalmente, como é dificultoso dialogar com o outro no sentido de promover a aproximação com a finalidade

de cuidar. Para tanto, o sujeito deve redirecionar o ódio para outras atividades, evitando a prática da violência perante o outro.

Em relação à manifestação do ódio, podemos identificar, basicamente, a dinâmica que se realiza por aquele que é odiado e por aquele que odeia. Em ambos os lados, apresenta-se uma manifestação do ódio como algo que pouco se deseja saber: o quanto somos violentos uns para com os outros ou muitos outros para com somente um único sujeito, escolhido entre tantos que se encontram presentes na sociedade.

O elemento de eleição em que recai o ponto central de ódio seria o que se torna possível direcionar. Isso ocorre quando a massa de sujeitos se encontra predisposta a canalizar todo o ódio para algo específico, dirigido a alguém que se encontra presente na sociedade. A escolha desse alguém é apenas um detalhe que indica a diferença perante todos, o que Freud (1996a) denomina “narcisismo da pequena diferença”.

Sobre a manifestação do ódio como expressão de algo que pode ser produzido e compartilhado como sentimento de repúdio ao sujeito, seria importante e necessário compreender como esse mecanismo ocorre ao se tornar uma força destrutiva. Compreendemos que a junção do ódio e seu direcionamento podem ser apenas o gatilho que permite iniciar algo muito maior, principalmente nos tempos atuais, em que grande parte das interações humanas se passa pelas redes sociais.

A questão central é que existe, no campo das relações humanas, algo que não se torna elaborado e compõe o trabalho da “pulsão de morte” (Freud, 1996a) – algo que se encontra represado no sujeito perante o processo civilizatório. Portanto, isso pode transparecer em processos destrutivos que se expressam por meio de práticas contrárias ao processo civilizatório.

Compreendemos que essas práticas não civilizatórias se encontram na espera do sujeito violento pela oportunidade de manifestar seu desejo recalcado de matar o outro. Nesse cenário, temos a capacidade de transformar tudo em “coisa”, inclusive o nosso próprio corpo vivo, o que facilita o surgimento do sujeito predisposto à violência, em que são o.

[...] assassino, o homicida, os colossos animalizados, que são secretamente empregados pelos donos do poder – legais e ilegais, grandes e pequenos – como seus executores, os homens violentos, que estão sempre aí quando se trata de eliminar alguém, os linchadores e os membros da Ku-Klux-Klan, os brutamontes que logo se erguem quando alguém começa a querer aparecer, as figuras terríveis às quais a gente se vê entregue tão logo a mão protetora do poder se retira, quando se perde dinheiro e posição, todos os lobisomens que vivem nas trevas da história e alimentam o medo sem o qual não haveria nenhuma dominação: neles, o amor-ódio pelo corpo é brutal e imediato, eles profanam tudo o que tocam, aniquilamento é o rancor pela reificação, eles repetem numa fúria cega sobre o objeto vivo tudo o que não podem mais fazer desacontecer: a cisão da vida no espírito e seu objeto (Adorno; Horkheimer, 1986. p. 218).

O estado desse sujeito, embrutecido e enfurecido, desperta na descrição mítica freudiana do “pai da horda primitiva”, na qual apenas um homem deseja para si todas as mulheres de seu grupo e, para tanto, expulsa todos os outros (Freud, 1996b, p. 1838). Essa condição faz com que os irmãos mais fracos da referida comunidade se reúnam para, juntos, ataquem (por meio do ódio) o elemento que impõe pela força.

Entretanto, o amor também estava presente e, por isso, após o ataque e com a morte do “pai da horda primitiva”, revela-se um sentimento de culpa e remorso, que funcionam como dispositivo para impedir que a ação possa se repetir. Isso inaugura a civilização como “interdição do desejo de eliminar o outro” e “expansão do amor em querer estar juntos uns com os outros” (Freud, 1996b).

Essa paridade entre aquele que ama e também se odeia estabelece os vínculos que constituem a sociedade. Quando existe uma relação de vínculo estabelecida entre o amor e o ódio, fica também promovida a relação com o objeto, pois as pulsões se direcionam ao sentido de satisfazer suas finalidades e, portanto, cabe ao sujeito estabelecer o trabalho para a condução do destino do desejo. Isso pode se resolver, basicamente, por três saídas, ao se alcançar os seguintes contornos para essa questão, que seriam as

[...] soluções para rematar satisfatoriamente conflito e neurose, as quais, em determinados casos, podem combinar-se entre si. Ou a personalidade do doente se

convença de que repelira sem razão o desejo e consente em aceitá-lo total ou parcialmente, ou este mesmo desejo é dirigido para um alvo irrepreensível e mais elevado (o que se chama 'sublimação' do desejo), ou, finalmente, reconhece como justa a repulsa. Nesta última hipótese o mecanismo da repressão, automático, por isso mesmo, insuficiente, é substituído por um julgamento de condenação com a ajuda das mais altas funções mentais do homem – o controle consciente do desejo é atingido (Freud, 1970, p. 28).

Encontrar uma dessas respostas perante a questão do desejo não é tão simples, pois, no campo das neuroses, a tendência do sujeito é complicar-se na repetição de algo que não possibilita a compreensão de uma saída satisfatória. Em última instância, seria realizar a passagem do pensamento não elaborado para o ato que condiz com a prática da violência.

Partimos da compreensão de que o modo como os destinos do desejo se singularizam no sujeito, no campo das neuroses, apresenta-se em explicações com e sem sentido para justificar a si a repetição, pois o que está em questão é o não querer saber sobre isso, pois “[...] não há saber possível sobre o desejo” (Lajonquière, 1992, p. 226). Numa relação entre sujeitos, esse não querer saber sobre o desejo é algo que torna possível compreender a falta, em termos de elaboração referente a essa quantidade de amor e ódio que circula no campo dos afetos, e, portanto, trata-se de um movimento de espanto próprio da relação humana, uma vez que:

O elemento de verdade por trás disso tudo, elemento que as pessoas estão tão dispostas a repudiar, é que os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. Em resultado disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou objeto sexual, mas também alguém que os tenta satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo – *Homo homini lúpus* (Freud, 1996a, p. 116).

Temos uma convicção de que o sujeito civilizado se encontra pacificado, entretanto, essa negação da violência humana faz

também pensar no aforismo de Nietzsche: “[...] convicções são inimigos (sic) da verdade mais perigosos que as mentiras” (Nietzsche, 2000, p. 265). Desse modo, o intelectual seria aquele que se permite colocar tudo em dúvida, pois possui a condição filosófica de tornar aquilo que é comum a todos um elemento a ser analisado criticamente, por meio do pensamento.

Em última instância, o pensamento crítico e analítico funciona como freio psíquico para que o sujeito possa realizar outro direcionamento com aquilo que não sabe sobre o próprio desejo de não querer o outro. Aqui, pode-se encontrar o ponto central pelo apego com que as redes sociais se apresentam para o público em geral que seria a negação do pensamento crítico ou qualquer forma de análise que coloque em evidências as contradições da dinâmica da realidade.

A expressão do ódio no campo escolar pode ser identificada na proposição de destituir-se o espaço da sala de aula como lugar de ensino e aprendizagem, a partir das tecnologias. Isso se apresenta como forma de transformação, em que se dispensa a autoridade daquele que ensina em prol do surgimento da máquina, que opera na ilusão da autonomia do sujeito. Este passa a aprender na solidão, no lugar e no tempo que deseja.

Na contraposição da desconstrução do estar em sala de aula, imergem as novas proposições dos processos educativos que, na posição crítica de educador, expressam-se no uso inadequado das diversas tecnologias de ensino. Essas, atualmente, encontram-se na presença das máquinas que constituem a sala de aula virtual.

Conclusão: a função do professor como elemento de resistência à desconstrução do espaço de sala de aula

Torna-se importante o reconhecimento de que, na modalidade de EaD, o espaço clássico de sala de aula se destitui nas interfaces com as tecnologias de ensino, descaracterizando o *hic et nunc* (Benjamin, 1974) como um lugar fixo no ambiente escolar para encontro entre os sujeitos, no tempo denominado “hora-aula”.

A questão central, na atividade educativa em rede, seria compreender como se estabelece a expressão da qualidade na educação, levando em consideração a desconstrução da clássica sala

de aula como espaço de ensino e aprendizagem. Portanto, para se compreender as alterações das dinâmicas em sala de aula, fazemos duas perguntas: (i) como se torna possível manter a qualidade educacional em ambientes em que prevalecem as diversas outras formas de conectividade entre os sujeitos e em que o outro não se encontra presente? (ii) Como a forma de trabalho em rede, por intermédio das plataformas digitais da internet, destitui o lugar de estar e o tempo de fazer das atividades educativas?

Diríamos que o uso das plataformas digitais como expressão das tecnologias de ensino, na escola contemporânea, estabelece outros sentidos e contornos sobre o lugar do sujeito nas relações de ensino e aprendizagem. Isso acontece porque ele se encontra tensionado devido aos programas de ensino que instituem os denominados “ambientes virtuais de aprendizagem” (AVAs).

Os novos espaços virtuais constituem outras formas de ensinar e aprender que rompem com o modelo clássico da atividade educativa presencial, realizada em sala de aula. A nossa posição referente à inserção dessas máquinas de ensino, sem os critérios estabelecidos, é a de que o ambiente escolar, como espaço de transmissão de cultura e troca de experiências presenciais, é desconstruído (Rodrigues, 2007).

No AVA, ocorre, na modalidade de educação a distância, alterações entre o ver, o dizer e o escutar, pois temos o paradoxo da ampliação do espaço da sala de aula para uma dimensão das conexões que ocorrem entre os sujeitos na plataforma de ensino e, simultaneamente, uma restrição de entendimento sobre o mundo em que vivemos junto com o outro. Diante dessa contradição entre ampliação do espaço e restrição do entendimento, ocorre também uma perda de sentido, como resultado das novas formas de interatividade demarcadas pelo território da instituição escolar – primordialmente, a destituição do tempo de existência do encontro entre os sujeitos, pois, possivelmente, os alunos podem acessar a plataforma de aula em momentos diversos.

Colocando em foco a questão da desconstrução do espaço e tempo da atividade educativa, o presente ensaio buscou colocar em discussão como a dualidade entre o real e o virtual desestrutura o conceito clássico de sala de aula. Torna-se oportuno destacar os

espaços de ambiente virtual de aprendizagem como atividades que desordenam a ação da atividade presencial em sala de aula, pautada na proposição da qualidade na educação.

Nesse sentido, a atividade de sala de aula fica sombreada com as narrativas diversas que se impõem pelo viés das tecnologias de ensino na escola, como suposição de realização da qualidade educativa. Para ocorrer essas transformações do espaço escolar, deve-se impor a condição de desqualificar o sujeito como intelectual, no ambiente educacional, como aquele que não domina conteúdos, processos de ensino, formas de avaliação. Enfim, o sujeito, em sala de aula real, fica destituído da posição de pensar criticamente o mundo em que vivemos.

O resultado das interações, por intervenção das plataformas digitais como expressão das tecnologias de ensino, pode se constituir na alienação do sujeito em atividades educativas, na dualidade entre o real e o virtual. Nessa situação, prevalece a subordinação do sujeito às máquinas de ensinar, agravando a crise na educação. Isso se apresenta na anulação do estudante como intelectual em sala de aula (Rodrigues, 2023a).

Desse modo, há, na dualidade entre o real e o virtual da atividade educativa, elementos que definem outras configurações, em sala de aula, do encontro entre os sujeitos. O estar presente oscila entre olhar e falar para o outro, escutá-lo, e a completa ausência do outro quando, em sala virtual, fecha-se a câmera e desliga-se o microfone. Fica a preocupação, diante dessas transformações, em manter o espaço de sala de aula como lugar da cultura escolar, como forma de compreender a vida em sociedade.

A implementação do EaD representa uma destituição da forma clássica da atividade educativa, em que os sujeitos abandonam a condição de se encontrarem presentes no tempo e espaço para realizar a atividade educativa. No ensino a distância, o estar presente para o estudo constitui uma outra qualidade do encontro entre os sujeitos, como forma de relacionamento para o ensino e a aprendizagem que ocorrem nas plataformas digitais.

Na perda de sentido do espaço da sala de aula, emergem outras formas de representação, como, por exemplo, lugar de fazer negócio (*networking*), em que se busca junção do sujeito com a lógica do

mercado. O atual discurso que atravessa o espaço da escola afirma que o sujeito deve ser “inovador e empreendedor”, um verdadeiro agente de negócios.

Diante desse paradigma do mercado, a cultura escolar fica subordinada a algo sem contexto e, sobretudo, sem finalidade. Afinal, qual a serventia de conhecer a gramática das orações subordinadas, os tempos verbais, as equações matemáticas, os princípios da termodinâmica, enfim, a cultura escolar?

Concluimos que as atividades educativas que ocorrem em rede no AVA deveriam ser utilizadas como forma de apoio ao trabalho realizado presencialmente em sala de aula. Entretanto, a dualidade da atividade educativa entre o real e o virtual pode apresentar diversos elementos contraditórios que destituem a função do sujeito como intelectual em sala de aula, pois o que prevalece é a informação destituída da análise crítica do pensamento.

A discrepância que se estabelece entre o real e virtual em sala de aula, na realização da atividade educativa, constitui-se como o ponto central para se compreender as diversas nuances no processo de formação do sujeito e a questão da qualidade na educação. Os processos de ensino e aprendizagem deveriam ocorrer numa relação direta de encontro entre os sujeitos, na promoção de trocas de experiências referentes às diversas narrativas sobre os modos de interpretação, buscando elaborar conceitos no campo da cultura escolar.

Compreendemos que a retomada do espaço de sala de aula, como lugar próprio do ensinar e aprender, está diretamente relacionado ao reconhecimento da qualidade do trabalho educativo que se pode realizar nesse âmbito, porque:

Estar distante ou perto do outro pode implicar diversas questões subjetivas, mas estar presente no espaço escolar é determinado pela objetividade de reconhecer a escola como aparelho que pode aproximar os sujeitos. No momento atual, compreender a importância do espaço escolar é fundamental para a realização do trabalho de aprender e ensinar junto com o outro (Rodrigues, 2022, p. 561).

A compreensão dessa condição de os sujeitos estarem presentes, juntos uns com os outros para pensarem a cultura escolar,

condiz com a proposição da função do professor como elemento de resistência à desconstrução do espaço de sala de aula.

Referências

- ADORNO, Theodor Wiesengrund; HORKHEIMER, Max. Notas e esboços. In: ADORNO, Theodor Wiesengrund; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1986.
- AUGÉ, Marc. *Não lugares*: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução*. Tradução de José Lino Grunnewald. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1974. [Coleção Os Pensadores].
- FREUD, Sigmund. Cinco lições de psicanálise (1910 [1909]). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. 11. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1970.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930 [1929]). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. 21. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996a.
- FREUD, Sigmund. Totem y tabu: algunos aspectos comunes entre la vida mental del hombre primitivo y los neuróticos (1912 [1913]). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas Sigmund Freud*. v. 2. Tradução de Luis López-Ballesteros y de Torres. Madrid, ES: Biblioteca Nueva, 1996b.
- LAJONQUIÈRE, Leandro. *De Piaget a Freud: a (psico) pedagogia entre o conhecimento e o saber*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.
- MADSON, Euler. Matrículas no ensino superior EaD superam as presenciais no Brasil. *Radioagência*, 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/educacao/audio/2025-09/matriculas-no-ensino-superior-ead-superam-presenciais-no-brasil#:~:text=Pela%20primeira%20vez%2C%20o%20n%C3%BAmero,5%20milh%C3%B5es%20no%20ensino%20presencial>. Acesso em: 24 set. 2025.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Humano, demasiado humano*: um livro para espíritos livres. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2000.

RANGEL, Maria Lígia *et al.* Redes de aprendizagem colaborativa: contribuição da Educação a Distância no processo de qualificação de gestores do Sistema Único de Saúde – SUS. *Interface: Comunicação, saúde e educação*, v. 16, n. 41, p. 545-556, abr. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/hbx4DP9VSMYh3J75jWGRjCB/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 23 set. 2025.

RODRIGUES, Rogério. A prática educativa como uma atividade de desencontro de sujeitos. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, SP, v. 33, n. 33, p. 445-458, set./dez. 2007.

RODRIGUES, Rogério. O elogio do professor na função de intelectual no campo escolar. *In: Revista Humanidades e Inovação*, Palmas, TO, v. 9, n. 24, 2022.

RODRIGUES, Rogério. A função docente como intelectual emancipado: a formação dos professores para além da técnica de ensino. *In: Revista @rquivo Brasileiro de Educação*, Belo Horizonte, MG, v. 11, n. 20, 2023a.

RODRIGUES, Rogério. As tramas dos processos formativos entre duas narrativas de professores referentes à crise na educação. *Revista Perspectivas em Diálogo: revista de educação e sociedade*, Naviraí, MS, v. 10, n. 25, out./dez. 2023b.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada*: ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução de Paulo Perdígão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

SIMONS, Maarten; MASSCHELEIN, Jan. A língua da escola: alienante ou emancipadora. *In: LARROSA, Jorge. (org.). Elogio da escola*. Tradução de Fernando Coelho. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2021.